

29 de outubro às 21 horas

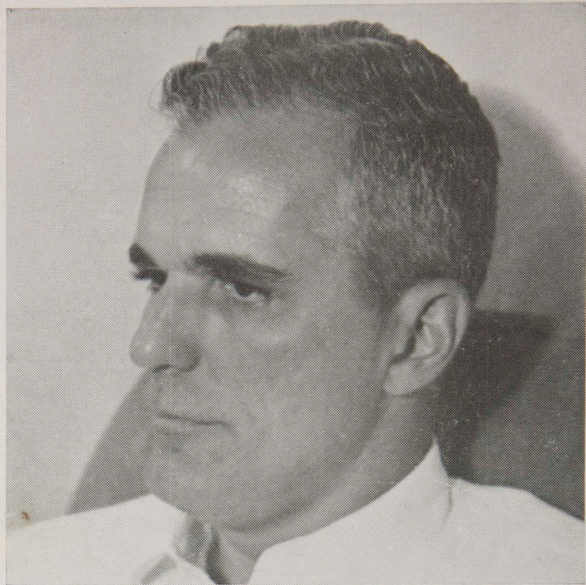
# ZALUAR

desenhos

Rua Candido Góes,  
153 apt. 101 - UREA  
Rio de Janeiro - G.B.  
Tel: 226-8102

**petite galerie**

praça general osorio 53 • rio de janeiro



institute de arte contemporânea



Há seis anos Paulo Coelho voltava da Bahia entusiasmado com as esculturas de Agnaldo Manoel dos Santos, rapaz de cor, que ajudava Mário Cravo no afélio. Agnaldo dasbastava as madeiras e Mário esculpia. O moço porém, que aprendera a ler sem cursar alguma escola regular, ajudando e olhando tornara-se artista.

Evolvidos em sacos de batatas, sôbre um caminhão, junto com o autor chegaram as esculturas de Agnaldo, na Petite Galerie do Rio, onde o moço de Itaparica devia expôr pela primeira vez com sucesso estrondoso. A crítica o aplaudiu e o público esgotou seus trabalhos em três dias.

Os maiores colecionadores do Rio compraram suas esculturas em madeira e seus oxum em ferro. A arte um tanto popular e folclórica de Agnaldo estava consagrada.

Tenreiro realizou uma mostra de suas estátuas em São Paulo. Repetiu a façanha na Petite Galerie em outubro de 1957. A Galeria Ambienta de São Paulo organizou-lhe uma individual, a Galeria Oxumarô, na Bahia, a Goa, no Rio e finalmente ainda a Petite Galerie do Rio o convidaram a expôr, transformando estas mostras em outros e tantos sucessos.

Mas durante êstes anos os temas folclóricos foram perdendo a forma anedótica, a complacência popular recebeu diferente solução plástica, a madeira de jaqueira e o pau d'arco, materiais preferidos pelo esculptor, são usadas em seções horizontais de considerável cumprimento, onde sulcos ou saliências provocam massas de considerável efeito expressivo. O João dos volumes não se afasta porém do cilindro, produzindo, na maior parte das vezes, esculturas fechadas, que sugerem um alto-relevo circular. Tôdas as proeminências, ou os membros das estátuas são contidos por uma força centripeta que da imponência monumental aos menores trabalhos.

Se nas peças de origem totêmica, com alguma parte vasada, estamos ainda perto de uma manifestação popular, nos trabalhos fechados a caracterização formal alcançou um alto nível consciente de individualização e estilo, o que muito bem compreendeu a Comissão Nacional de Belas Artes quando, no Salão de Arte Moderna de 1961, comprou uma escultura de Agnaldo para o Museu Nacional de Belas Artes.

A Galeria apresenta agora a obra mais recente d'êste jovem artista, que a morte colheu na plenitude da vida e da força criadora.

PEDRO MANUEL

Artistas e críticos sabem quanto Abelardo Zaluar tem atuado de modo muito pessoal nessa verdadeira especialização que é o desenho, fazendo-o evoluir de modo autônomo, sempre em teor de legitimidade gráfica. Exposições anteriores caracterizaram suas experiências e soluções no sentido de revalorização da textura. Porém da textura não mais como efeito de massa e volume, nem como trabeculado de arabescos ou aventura rítmica de cercaduras e gregas, e sim criando uma função nova no conjunto de cada unidade, mormente a de invenção abstrata.

A atual exposição na Petite Galerie demonstra outras pesquisas de caráter técnico abrangendo diversos âmbitos. Por exemplo, quanto ao suporte, previamente A. Z. não se satisfaz nem se sujeita a granulação nem a cor estandardizadas; êle mesmo cria a sua superfície no papel canson puro ou no cartão de duplex. Recobre-os de tinta fosca (base aquosa) para sensibilização adequada. Reveste o fundo com tons de pastel de giz colorido, espalhando-os com estopa. Para isso se vale de cores geralmente médias, já as dispondo em formas que, conquanto algo difusas, lhe surgirão instintiva e reflexamente as ultteriores estruturas que ali devem ser lançadas em negro. Assim, êsses contrastes em bastidores criam espaço para as contrações do grafismo essencial. A seguir, A. Z. excita a superfície do papel ou do cartão. Usa para isso, dois processos. Ou os dobra para que resultem relevos longitudinais em anaglifo linear, ou os sulca com um instrumento para que aí fiquem regos em baixo relevo também linear. Êsses os preparos do suporte.

Depois é que vem o desenho prôpriamente dito. Sua mão cria estruturas em pautas ou estrias pesadas e agressivas, hartunguianas, calibradas como caules ou fustes donde se desprendem arabescos curvilíneos, lavas, quais parasitas ou quais cordames quibêtes em troncos, êstes em mastros.

Os desenhos centrais são robustos, quase sempre negros, obtidos com lapis-bastão cêra. Dir-se-ia que cada um é um poste carregado de alta tensão por sua expressividade em imantações moduladas.

Conquanto formas abstratas, têm analogias com barrotes lacustres, estipes botânicos, podendo ser também marcos da pré-história, do neolítico. Possuem realidade anfíbia. De magma e de plasma. De unidade de floresta ou de pantanal. Juntos, êsses desenhos constituem monumentais slides de "velosups" surrealistas da Ilha da Páscoa ou de litorais de Tanguy. Vibrações ao mesmo tempo autônomas e sinérgicas de espêáculos da natureza e da arte. Esta e aquela em sua legitimidade transfigurada pela aventura da linha e da textura.

JOSÉ GERALDO VIEIRA



29 de outubro às 21 horas

**AGNALDO**

**esculturas**

**petite galerie**

praça general osorio 53 • rio de janeiro